

Paraná | Setembro de 2010 | Edição 01



Sofia Ricciardi
Rogério Pereira
Jura Arruda
Eder Alex
Daniel Zanella
Sandi Bart
Luiz Andrioli

Editorial

“Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica. Mas há toda a possibilidade de crer que ela foi coetânea das duas primeiras vizinhas.” Machado de Assis

A crônica e o relógio lírico do cotidiano. O que não é conto e não é poesia. O que dizem que não é jornalismo e não é literatura. O tempo, o efêmero, o circunstancial. O relato autoral dos fatos, dos lugares, dos princípios, a narrativa episódica. O homem comum. A digressão, as tensões familiares, a prestação de contas com o passado inquisidor, o devaneio, as ranhuras mais ásperas da superfície, o copo vazio do bar, o folhetim de rodapé dos jornais que morreram, a sarjeta, a ironia, as luzes opacas das profundezas, a emancipação do detalhe, o olhar esguio diante do caos, os amores mais sucintos, os amores sem lar.

O Relevo surge como uma extensão (limitada) do cronista, um espaço cativo a venerar seus cultores sinceros (Rubem Braga, Nelson Rodrigues, Clarice Lispector, João do Rio, Machado de Assis, dentre tantos), um impresso estritamente dedicado à crônica – esse gênero tão estritamente brasileiro, tão modelado ao nosso dia a dia – um apanhado de vozes dedicado à crônica feita hoje, aos novos autores e aos leitores que vislumbram na escrita alguns instantes de diálogo dentro dessa imensidão diária chamada realidade: e todas as possibilidades intrínsecas. Uma boa leitura a todos.

Expediente:

Jornal Relevo
Setembro de 2010.
Edição: Daniel Zanella
Revisão: Sandi Bart
Diagramação: Daniel Castro,
Diego Silva e Nathalia Cavalcante
Impressão: Gráfica Helvética
Tiragem: 2000
Edição finalizada em 21 de agosto, 20h.

Contato:

danielaugustozanella@hotmail.com
O Relevo aceita colaboradores. Envie suas crônicas para danielaugustozanella@hotmail.com. Encaminhe também suas críticas e sugestões.

boradores

Rogério Pereira

Jornalista, editor do jornal de literatura Rascunho. Publica seus textos no endereço www.vidabreve.com.br e no site www.rascunho.com.br

Sandi Bart

Formado em Letras Português / Inglês, redator, publica seus textos no endereço www.umpontoeoutrapalavra.blogspot.com

Sofia Ricciardi

Cursa 2º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o LONA, periódico impresso da UP e escreve para a revista digital A Barca. Publica suas crônicas no endereço sofisticada.wordpress.com

Marcos Monteiro

Cursa 2º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Colabora com o LONA e publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Eder Alex

Professor de Comunicação e Expressão de Textos da FACEAR, publica sobre cinema, literatura, quadrinhos, crônicas e contos no endereço www.devaneiosdocotidiano.zip.net

Emerson Persona

Artista plástico, formado em Pintura e especializado em História da Arte Moderna e Contemporânea. Seu endereço é www.emersonpersona.com.br

Francis Rodrigues

Artista plástico, especializado em História da Arte Moderna e Contemporânea, formado em Pintura e Tecnologia em Artes Gráficas. Seu endereço é www.francisrodrigues.com.br

Luiz Andrioli

Jornalista, apresentador, locutor e diretor artístico de TV. Pós-graduado em cinema,

professor e ator profissional. É autor de dois livros: “O Circo e a Cidade”, Editora do Autor, 2007, e “A Menina do Circo”, Pró-Infantil Editora, 2009. Publica seus textos no endereço www.luizandrioli.com.br

Daniel Zanella

Cursa 2º período de Jornalismo na UP, colabora com alguns impressos e sites da região metropolitana de Curitiba e integra algumas coletâneas de crônicas por editoras independentes. Publica suas crônicas no endereço www.letrasnumcanto.com.br

Jura Arruda

Cronista e dramaturgo, autor de “Fritz, um sapo nas terras do príncipe”, integrou diversas coletâneas pela editora Andross e montou várias peças teatrais em Joinville. É cronista do periódico local Notícias do Dia, e também publica seus textos nos endereços www.jurandycesarrudianas.zip.net e www.arrudianas.blogspot.com
Daniel Castro –

Daniel Castro

Cursa 4º período de Jornalismo na UP, onde compõe a equipe de editores do Jornal Laboratório da Notícia (LONA).

Diego Silva

Cursa 6º período de Jornalismo na UP, e também compõe a equipe de editores do Jornal Laboratório da Notícia (LONA). Fotografia, cinema, editoração de revistas e jornais são alguns de seus “passatempos”.

Nathalia Cavalcante

Cursa 6º período de Jornalismo na UP, e é integrante feminina da equipe de editores do LONA. Escreve sobre cinema no seu blog cineticamentefalando.blogspot.com

O Relevo não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

“E no meio dessa confusão alguém partiu sem se despedir; foi triste. Se houvesse uma despedida talvez fosse mais triste, talvez tenha sido melhor assim, uma separação como às vezes acontece em um baile de carnaval — uma pessoa se perde da outra, procura-a por um instante e depois adere a qualquer cordão. É melhor para os amantes pensar que a última vez que se encontraram se amaram muito — depois apenas aconteceu que não se encontraram mais. Eles não se despediram, a vida é que os despediu, cada um para seu lado — sem glória nem humilhação.”
Rubem Braga

EXATO

CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem
- Ensino Superior
- Curso Técnico
- Preparatório
- Graduação e Pós-Graduação

www.exatoeducacional.com.br

Avenida Dr. Victor do Amaral, 1020
Shopping Araucater | 2º andar, Centro, Araucária
(41)3552-1542

Era uma vez/

Daniel Zanella

Sentadas na almofada em forma de centopeia, as crianças ouvem atentamente a contadora de histórias. É a história de um tigre e de um macaco na floresta. O macaco engana o tigre no final. Uma história de imagens verdes e rios mansos, previsível.

Mas as crianças não parecem se importar com o caráter previsível das histórias infantis. Para elas, cada história forma visíveis balões de imaginação, de vida, de representação de uma outra vida, da ideia que elas fazem do que é um tigre e um macaco. É quase uma construção palpável. A contadora de histórias sabe disso e, para tanto, ela se despe do mundo adulto. Há na biblioteca algumas senhoras, mães pedagogas, as funcionárias da biblioteca e as crianças. Cinco. As histórias são delas.

Estou a ouvir a história do mendigo e da sopa de pedras. Essa história eu conheço. Minha primeira professora de português me contou na pré-escola. E já que conheço a história, resolvo sair rapidamente da contação e cavoucar o terreno da minha primeira infância, muitas coisas voam de lá. Lembro que meus pais não me contavam histórias. Meus avós também não. Nem meus amigos imaginários. Cada qual com seus motivos. Minha mãe, naturalmente, estava muito ocupada por essa época. Esse período dura até hoje, a bem da verdade, haja visto o almoço de ontem. Minha mãe não deveria fazer comida. Pra fazer comida é preciso tanto amor quanto para educar um filho. [Por isso não cozinho na casa de meus pais. A minha irmã também comeria.] Meu pai, por sua vez, sempre foi um racionalista, apesar de acreditar em reencarnação, pra ele um conceito tão óbvio quanto a capital do Chipre.

O meu primeiro contador de histórias foi Julio Verne. E acredito que escrevo para resgatar a sensação que tive dessa primeira leitura. Resolvo sair do baú das memórias opacas, assim, abrupto, para me imaginar daqui alguns anos, quem sabe pai. Gosto muito de histórias.

A contadora de histórias segue seu percurso afetivo. Estou num outro tempo a erigir um quarto com uma almofada de centopeia ao centro. Um quarto cheio de livros, algumas crônicas na parede, cores, muitas cores. A minha filha, olhos verdes curiosos, pergunta sobre esse monte de letras penduradas, quer saber o que são. Digo. Significam imagens, minha filha. A gente ouviu o que diz o escritor e cria nosso próprio álbum, simples assim, dentro da

Gafanhoto ROXO

A filha que ele quer ter/

cabeça, uma coisa só nossa. [Simples coisa nenhuma.]

Me conta uma história, pai.

Conto, minha filha.

Era uma vez uma família que não tinha tempo pra nada. Todos tinham que trabalhar. Eram dias duros, mas até quando não eram dias duros, era preciso trabalhar pra que não voltassem os dias duros. Um dia, apareceu um gafanhoto roxo na sala. E o gafanhoto falava, minha filha, veja só. Mas ninguém ouvia. O gafanhoto falava de um lugar onde as famílias sentavam à mesa pra tomar vinho e contar histórias antigas. Convidavam os vizinhos pra dividir a ceia e sentar na rede após o almoço. Nesse lugar, era o que o gafanhoto dizia, sempre havia um violeiro amigo da gente e as canções eram alegres e faziam as pessoas sonharem. Mas, ninguém ouvia o gafanhoto, minha filha. E isso muito entristecia o gafanhoto, que sempre voltava antes do almoço pra conversar com essa família que não ouvia. Quem sabe um dia...

E um dia a sorte do gafanhoto mudou. Enquanto ele, sentado na sala, dizia de um lugar onde as pessoas se amavam sem precisar dizer isso o tempo todo, apareceu uma menininha bem pequeninha, igual a você, uma menininha linda e curiosa, e ela conseguia ouvir o gafanhoto, que ficou muito contente. Ela entendia mesmo, disso o gafanhoto logo teve certeza e, então, instruiu-a a contar tudo aos seus pais, falar desse lugar onde havia tudo o que era preciso pra viver. E lá foi a menina. No começo, os pais não acreditaram muito nela, coisa de criança, diziam, mas, diante de tanta insistência, acabaram indo conhecer o tal lugar, num domingo em que caiu a luz e não dava pra assistir televisão. Não aguentavam mais a filha falando do tal lugar.

Assim acaba a história, minha filha. Esse lugar existia mesmo, lá os pais não precisavam trabalhar, havia carinho no alimento compartilhado, não faltava tempo, era tudo mais simples e suave e todos foram felizes. E até hoje o gafanhoto roxo viaja de casa em casa, contando pra quem quiser ouvir, as histórias da terra da felicidade.



Emerson Perssona

“ Mas, ninguém ouvia o gafanhoto, minha filha. E isso muito entristecia o gafanhoto, que sempre voltava antes do almoço pra conversar com essa família que não ouvia. Quem sabe um dia...

Pedacço de Lata

Jura Arruda

As gotas escorriam do telhado e caíam sobre um pedaço de lata fazendo um barulho intermitente, dorido, quase um lamento. Ou um som de relógio, como dissera a neta um mês antes. Ele gostava de pensar no som das gotas caindo na lata como um relógio a marcar o tempo, a preparar o momento da próxima visita. Era um avô de poucas palavras, com um olhar cansado de segurar as pálpebras. E elas pareciam pesar quilos! Amassavam os cílios e deformavam os olhos. Quando dormia, a pele formava uma es-

pécie de cobertor aconchegante. “O vô tem um cobertor aqui, ó, todo fofinho!”, sussurrou a menina para a mãe, com os dedos quase tocando o rosto do velho.

“O olho do vovô tem um cobertor de pele”, falou e viu os lábios dele ameaçarem um sorriso. “Você não tá dormindo, vovô!”, gritou num tom de quase bronca. E o avô ria. Ria-se. Porque o tempo lhe dera uma neta astuta e cobertor para os olhos. Mas não havia cobertor a lhe cobrir a frieza dos momentos em que ficava só. Sentia saudades diferentes a cada dia, de

uma música, do vento que fazia bater as janelas da casa da praia, de admirar os quadris da esposa enquanto ela cozinhava e da neta, que era agora a coisa mais cheia de vida que ele conhecia. Que lhe devolvia um pouco da vivacidade perdida no tempo.

O vizinho da frente, vez ou outra, lhe dirigia a palavra, mas sempre com uma conversa mole que não evoluía nem trazia novidade. A vizinha do lado acenava. Só acenava. A rua tinha pouco movimento e se não fossem as gotas a caírem no pedaço de lata, lixo de varanda, vi-

ver seria insuportável. Quando o vizinho propôs jogar aquilo fora, o velho gritou: “Não mexa aí!” O vizinho afastou-se. Afastou-se por um tempo. Por dias. Dias sem conversa mole, apenas a gota e seu tic-tac a aproximar as horas.

Chegou o dia da visita, não chovia, não havia gotas a pingar na lata, mas era certo que o dia seria de alegria. A neta, pequena deusa mitológica lhe trazia caixas de alegria para preencher cada vazio da velha casa, com o som de sua risada, com suas palavras de uma sabedo-

ria inata, trazida do ventre ou de um espaço onde ficam os bebês antes de nascerem. Era o dia de expor suas rugas, suas pálpebras caídas, tudo o que em si parecia tão rico e tão ridículo aos olhos da neta.

Nuvens chegaram primeiro. E trouxeram uma tempestade. O velho corria a fechar as janelas quando ouviu um barulho estridente na varanda. O pedaço de lata era arrastado pela ventania. Não teve dúvidas, encarou vento, chuva e relâmpagos, jogou-se ao chão e conseguiu conter a fuga daquele metal no exato instante em que o carro da filha estacionava na frente de sua casa. Sem sair do carro, filha, genro e neta o observavam com estranheza. Sentiu-se velho e ridículo. Levantou o corpo, abaixou a cabeça. A vergonha, feito a chuva, lhe cobria todo.

A neta abriu a porta do carro e saiu em disparada na sua direção. “Vovô! Vovô! Vovô!”, gritou a pequena pisando sem medida nas poças do quintal para alcançá-lo. Assim que se aproximou dele, todo encharcado, sujo de velhice e lama, falou com sua voz de menina sábia “Você está louco, vovô? Não pode ficar na chuva, você já está bem velhinho. Vem.”



Um menino no telhado

Eder Alex

Sempre que me sentia triste eu subia no telhado de casa. Devo ter aprendido com algum filme que, visto de cima, o mundo parecia menos perigoso. O telhado não era muito alto, então não dava pra ver muito mundo dali. O quintal do vizinho com quem nunca conversei, o quarto do menino louco do outro lado da rua, a chaminé da firma em que meu pai trabalhava. Uma

firma de coisas tóxicas – sempre achei que um dia ela explodiria e levaria consigo a cidade toda. Mas nunca explodiu. No fim da tarde o céu misturava seus tons mais escuros como numa ferida infeccionada. Era bonito. O sol ia se achatando até virar apenas uma fina linha atrás da igreja matriz e eu imaginava as pessoas acordando no lado de lá. Será que era mais fácil existir da-

quele lado?

O gato sempre aparecia. Tinha um olhar meio vidrado, a orelha podre. No começo achei que era retardado, mas depois que o peguei no colo e senti suas costelas percebi que o problema era outro. Eu o levei para baixo e arranjei comida. Ele não sabia se mergulhava no pote ou se comia tudo de uma vez. Um desespero que me deixou assustado. Pensei numa pessoa fazendo aquilo. Com o passar do tempo ele engordou um pouco, mas sua orelha continuava podre, nojenta. Sempre que formava casquinhas de cicatrização, ele as arrancava. Às vezes, quando aparecia alguma ferida pelo seu corpo, por causa das brigas nos outros telhados, ele tratava de tirar as casquinhas com a sua língua áspera. Eu vivia com o joelho esfolado e também tratava de tirar as casquinhas. Mas não com a língua.

Minha mãe não gostava muito e bichos, mas até que tolerava o intruso esfo-meado. Dava comida para ele enquanto eu estava na escola. De tarde ele deitava no meu peito, enchendo meu uniforme de pelos, e eu o acariciava até ele começar a ronronar. Achava aquilo o máximo, era uma resposta imediata ao afeto recebido. Era gratidão.

Meu pai não gostava de gatos. Demonstrou isso

com um ou dois chutes que fizeram o bicho voar na parede. Não quero dentro de casa, dizia. Eu fingia que não ligava e assim que ele entrava no banho eu corria para fora para ver se o gato ainda estava vivo, se havia alguma costela quebrada. Às vezes ele fugia de mim, arisco. Era um bicho que ficava magoado por algum tempo, não tinha memória igual à dos cachorros. Sempre que o via no canto, todo dolorido, rancoroso, ficava imaginando os pensamentos dele, os palavrões, a vontade de subir no telhado e ficar longe daquilo tudo. Imaginava ele entrando no quarto de meu pai de madrugada, o ronco preenchendo todos os cantos da casa, subindo lentamente na cama e desfigurando o rosto dele com suas unhas enormes, sempre afiadas. Calando para sempre aquele ronco infernal.

Num dia qualquer, mas que depois deixou de ser qualquer e se tornou um dia importante, estava conversando com meus amigos em frente de casa quando meu pai pediu para abrir o portão, pois sairia com o carro. Abri e ele ligou o motor. Quando ouvi o som da marcha à ré sendo engatada, olhei pra baixo do carro e vi que o gato estava lá. Gostava daquele lugar por causa do calor. Ele se assustou com o barulho e resol-

veu sair. O carro se movimentou. Eu gritei pedindo para meu pai frear. Ele acelerou.

Não havia motivo, o gato estava do lado de fora.

O pneu passou exatamente na cabeça, fazendo com que os olhos saltassem das órbitas como se fossem uvas. Meu pai saiu do carro, disse algo sobre não ter ouvido ou sobre sujar a calçada, apanhou o corpo do gato e o lançou no gramado, perto de mim e de meus amigos. O barulho do corpo batendo com força no chão. A orelha, onde estava a orelha podre?

O carro se foi.

O sol perseverava num laranja escuro, quase vermelho, mas aos poucos ia cedendo à escuridão. A outra metade amanhecia. O vizinho desconhecido cumprimentou um carro que passou buzinando. A firma acendeu seus refletores, insistia em não explodir. A luz do quarto do menino louco estava acesa, ele me observava. Pensei em assinar, mas fiquei com medo de receber resposta. Lembrei do gato ronronando. Do gato se afogando no pote de comida. Da cova no terreno baldio. Tentei conter o nó na garganta e imaginar o outro lado. Lá seria mais fácil, teria que ser. Tentei desesperadamente enxergar o mundo que havia naquele lado, mas o telhado não era alto o suficiente.



Emerson Persona

Carta Para Um Jovem Apaixonado

Luiz Andrioli

Eu mesmo demorei para entender que estava vendo uma daquelas cenas raras, das quais vou contar para meus filhos. O rapaz, com a liberdade dos seus cabelos compridos, leu a crônica que nos fez ficar apaixonados pela bela moça que descrevera. Já estaria de bom tom, tamanha a sensibilidade que ele usou para nos mostrar a mulher idealizada. Ao fim da leitura, se dirigiu a uma das alunas da oficina literária que reunia pelo menos uma dezena de interessados no assunto e disparou certo:

- Eu escrevi para você.

Estava eu sentado umas duas fileiras atrás da moça. Notei de imediato seus cabelos longos e loiros e mesmo sem ver seu rosto, imaginei suas bochechas rosadas pela vergonha. Senti um certo embaraço misturado com minha vontade de pedir para que todos saíssem da sala e deixassem os dois a sós. Se eu fosse o rapaz, talvez fosse este meu desejo.

Fico feliz de ver, neste mundo que tem cada vez menos espaço para estas pequenas utopias amorosas, uma iniciativa singela. Penso que todas as belas mulheres merecem palavras escritas com todo o cuidado que este jovem dedicou a sua crônica. Há alguns anos, quando ainda trabalhava como iluminador de teatro, acabei me apaixonando por uma jovem atriz. No último dia da temporada escrevi para ela um poema, talvez nem fosse bom, mas falava de coisas que eu havia observado nas semanas que passamos juntos. Descrevi a moça se maquiando, andan-



do pelas coxias, se encantando com o cheiro do palco e tendo seu corpo magrinho sendo acariciado pelas palmas da plateia. Tímido que era, pedi que alguém lhe entregasse ao fim da apresentação, quando eu já tivesse ido embora. Não sei exatamente por que o meu portador traiu o combinado e entregou o envelope quando eu ainda estava na cabine de luz. Pela janelinha vi a atriz lendo o poema no meio do palco. A luz estava fraca. Tive o desejo de ver o seu rosto interpretando cada linha daquele poema. No anonimato da cabine, acendi as luzes do palco lentamente e pude ver um discreto sorriso no rosto da menina. Ao fim, um vermelho na face, talvez parecido com o que eu imaginei que tenha pintado o rosto da moça da oficina de crônica.

Perdi o contato com aquela atriz. Não era amor. Talvez ela tenha sido uma musa para aquele tempo em que a adolescência me fazia acreditar que eu viveria os próximos anos entre palcos e refletores. Minha vida mudou, me formei jornalista e fui trabalhar como repórter

de TV. Por coincidência, mesma TV na qual a atriz hoje trabalha em novelas. De certa forma, ela continua sorrindo embaixo dos refletores. E eu tentando iluminar as coisas da vida, nem sempre tão bonitas quanto aquele sorriso que vi de perto pela última vez em um palco de Curitiba.

Para o autor da crônica sobre a colega de sala, me atrevo a dedicar esta outra crônica. Faço-me tal qual um Reiner Maira Rilke, sem porte literário para tal comparação, é claro. Escrevo aqui esta carta para um jovem apaixonado. Amigo: releio sua crônica sentindo o cheiro do teatro que trabalhei há mais de quinze anos. Não tenho hoje a atriz a meu lado, mas todos os dias quando me sento para escrever, desejo recuperar aquele sentimento que me fez criar um poema que até podia ser bonito, mas não guardei sequer um esboço. Escrevi com a alma direto no papel que foi entregue para a moça. Amigo cronista: digo que se destas palavras não brotar o amor, tenho a certeza de que vai ficar o amor pelas palavras.

Mulherzisse

Sofia Ricciardi

Essa semana eu quis o luxo de ser mulherzinha. Sabe? Daquelas bem mulherzinhas mesmo? Que pedem salada no Au-Au e que não entendem quando a gente faz trocadilho com a salsicha? Essas mesmas. Quis o luxo de ser assim, de trocar de esmalte toda semana e acompanhar a nova novela das sete. Até me esforcei para não colaborar com as piadinhas sacanas do trabalho e me senti uma garotinha assustada na balada gay de sábado. Mas eu não gosto dessas meninas. Não gosto das suas calcinhas de algodão e dos seus sutiãs de florzinha. Não tenho a mínima paciência pra marcar jantar com amigas e sou louca pra tomar uma cerveja com o meu porteiro. Mas caramba, que inveja eu tenho das mulherzinhas! Que inveja eu tenho das saias, do equilíbrio sobre o salto e dos namoros fáceis. Mulherzinhas, eu mordo uma raiva sem igual de vocês, que deve provir de alguma desilu-

são amorosa em vida passada. Eu aqui, me esforçando pra tomar chá sem açúcar, pra não pedir o dobro de queijo no Subway e pra fazer a minha sogra gostar de mim... E vocês, mulherzinhas? Vocês conseguem sentar no ônibus de perna cruzada! Humilhando todas as mulheres em volta. Me diz, o que vocês fazem quando bebem um pouco mais e dá uma vontade danada de ir pra cama com alguém? Vocês são bonitas assim no frio também? Como ficam as minhas roupas velhas que uso pra dormir? Não jogá-las fora quer dizer que não sou digna das mulherzisses? Saí pra lá, então! Declaro o fim da minha semana de mulherzinha! Tira esse pijama rosa-claro de mim! Não digo nem aqui nem na China que a Patrícia Poeta é diva do jornalismo e, pra mim, o Tom Cruise tem pinto pequeno! Ouviu? Pinto! Porque quando eu digo que você pede salada por não gostar de salsicha, mulherzinha, eu quero dizer pinto! Entendeu agora?





Marcos Monteiro

Uma Noite Impar

Sandi Bart

I. Da introdução

Quando um bar está muito cheio, normalmente as pessoas esperam um pouco até liberar uma mesa. Não demoraria demais, não havia muita gente de pé. Mesmo assim, o outro bar tinha uns amigos cuja companhia me agrada.

II. De uma lembrança

Quando eu tinha uns 16 anos, frequentava festas de rock. Muita gente de preto, muita bebida, muito rock mal tocado.

III. De outra lembrança

Um ex amigo me emprestou um CD, o qual não devolvi no prazo estipulado.

IV. Do outro bar

Muita gente de preto. O blues é bem tocado. Um primeiro bêbado tenta se apoiar numa lixeira. No chão, o primeiro bêbado e a lixeira. Estou conversando com um homem que tem cabelo de um lado e é careca do outro. O bigodinho é novo: eu digo que lembra Hitler. Ele observa que seis pessoas já disseram isso, que ele está fazendo uma contagem. Outros disseram que ele parece Chaplin. Que se eu via Hitler eu deveria repensar as coisas pelas quais me interesse. O primeiro bêbado se aproxima: "desculpa, não queria incomodar... é foda... tô de cara... mulher, você sabe, é foda... tô de cara". É foda.

V. De um adendo à outra lembrança

O ex amigo tem amigos. Muitos. Roqueiros. Que sabem que não devolvi o CD. Vestem preto.

VI. De um sufoco

Existe um caixão encostado numa parede. A namorada do amigo entra no caixão e sai rápido: "sufoca", observa.

VII. De um pingente

Um homem se pendura na luminária. É o homem que Chaplin me apresentou como dono do bar. Ele está pulando em cima da bancada de atendimento. Os clientes vão ao delírio. A banda vai ao delírio. Ele vai ao delírio. Ele bate a cabeça no teto. Eu vou ao banheiro.

VIII. Do banheiro

Nos acampamentos, banheiros e cinzeiros são o mundo todo: um carreirinho por entre o matagal que abre numa clareira. Eis o banheiro do bar. Existe outra opção: aguardar uns 40 minutos no único banheiro construído para esse fim. Unissex.

IX. De um temor

"Talvez eu morra". Este é o tom da mensagem de celular que enviei.

X. De uma gordinha

Estou voltando do caixa para a mesa onde estava sentado. Há duas portas. Pretendo sair pela porta da esquerda. Uma gordinha dá um passo à esquerda. Desvio. Ela dá outro

passo à esquerda. Passo.

XI. De uma expulsão

Um homem não seguiu as regras do bar (desconheço). É expulso gentilmente.

XII. De uma observação pertinente

"É o que dá se envolver com juvenil", diz a namorada do expulso.

XIII. De um intelectual

Chaplin está lendo um livro de Paulo Leminski num canto do bar.

XIV. De um esportista

A multidão se abre. Não é briga. Chaplin passa pedalando (!) em meio à multidão.

XV. De uma decisão

Vamos embora.

XVI. Do primeiro bar

Um homem grita na mesa de trás. "Essa não, essa me faz lembrar minha amada. Aí eu tenho vontade de chorar. Toca outra, toca outra". A dupla prossegue.

XVII. Da quase conclusão

Um carro está batido num poste. Volto para verificar se o motorista está vivo. Está vivo. E bêbado. E ao celular. "Bati o carro num poste, pô. Bateu, tá batido. Não estou te ligando pra ouvir opinião. Tô sozinho, agora chegou uns amigo meu aqui". Pra mim: "mulher é foda."

XVIII. Da conclusão

Vou abrir um blog

CALCEAKI
CALÇADOS & ESPORTES



Avenida Victor do Amaral, 343, Centro, Araucária.

3642-1622

Vendemos e encomendamos livros de todos os gêneros.

Bicicletas abismo

Rogério Pereira

No horizonte, o menino pedala zombeteiro após tocar o triângulo de fogo e perdição

A infância é uma batalha perdida. Ouço com atenção o que me diz Vila-Matas - o homem que encontrei por acaso num café em Barcelona. Ele lia o caderno de esportes do El País. Eu, os poemas de Antonio Machado. Perguntou-me por que ainda lia poemas. Sem pensar muito, respondi: "Porque as folhas das árvores sempre caem". O insólito da resposta - na verdade, um verso de Machado - e meu trôpego espanhol nos aproximaram. Sentei-me à sua mesa e descobrimos que ambos, de alguma maneira, estávamos à beira do abismo - uma expressão dele, que surrúpiei para meus poucos escritos. Contou-me, com certa apreensão na voz bem delineada, que era escritor. Eu não o conhecia. Não o lera até então. Disse-lhe que sonhara em ser jogador de futebol. Mas meus dribles de ganso bêbado me dissuadiram da idéia ainda na adolescência. Ele me falou dos abismos que o cercavam, da vontade de desaparecer, e, olhando-me irônico, soltou: "A infância é uma batalha perdida". Ele tentava desaparecer no presente. Eu, no passado.

...

Na primeira batalha havia uma bicicleta a desenhar uma reta no horizonte. Da baixada, a silhueta do menino surgia imponente no alto. Pedalava com gosto e devassidão. Ele escapara das garras dos adultos e nos zombava. Nós, pequenos delinquentes, éramos interrogados. "Quem foi?", todos queriam saber. A menina nos olhava com pena e curiosidade. Não tínhamos coragem de admitir. Éramos apenas crianças a descobrir o corpo. Um bando de meninos sarmentos - pequenos urubus a saborear a carniça pela primeira vez. Não havia escolha: tínhamos de admitir, não um crime, mas um pecado. Iríamos arder no inferno. As orelhas avermelhadas, presas nos dedos ossudos dos adultos, alertavam-nos de que tudo poderia piorar muito mais. No alto, a bicicleta, sombra maligna a nos apavorar, enchia-nos de raiva e fragilidade. Foi ele, tentávamos argumentar. Mas ele estava longe. Nós, presos, apanhados ao vislumbrar, e nada mais, os vãos daquelas pernas finas, de jetica, como diria a mãe, sem nunca explicar o porquê da expressão. Pequena saracura a nos enfeitizar no banhado que dominava com maestria. Não pedimos para ver. Ela nos mostrou. Todos à sua volta. Ela, altaneira potranca das ancas virgens, a troçar da nossa falta de jeito. Mostrou-nos, sim, primeiro o rebolado, o corpo infantil a desnudar-se. Aos poucos, sábia e pérfida, expeliu carnes, desejos e cores em nossos olhos, em nosso espanto. Havia entre as pernas um corte fino, sem pêlos, um triângulo bem desenhado - a imagem do inferno com seus demônios a nos enfeitizar: venham, venham. Ouvíamos petrificados. Queríamos, sim, tocá-la. O que seria aquilo a despontar na altura do peito? Pequenos grãos tremulavam sob a pele. Nunca tão de perto. Nunca tão ao alcance. Estátuas de sal, movíamos apenas os olhos de cima para baixo, na mesma velocidade com que o pecado se infiltrava pelas nossas almas perdidas.

Quando algo parecia explodir em nós, os dedos do tinoso tocaram o triângulo. Delicado no início; com ferocidade logo em seguida. Aquele que pedala no horizonte, a confundir-se com o céu e as nuvens ao fundo. O grito nos espantou: revoada de pássaros a pular cercas de arame farpado, muros improvisados. O açoite da donzela pegou-nos pelos calcanhares: infimos Aquiles a fugir. Tombamos, abatidos por dedos imensos que nos apertavam as carnes pecadoras. Doera? Por que gritara? Não queria nossas mãos pequenas e imundas, perdição que nos assombra? Lá no alto, a bicicleta e um sorriso a tripudiar a nossa derrota.

...

O café esfriara durante a conversa. Pedimos outro e um "bocadillo de jamón". Digo-lhe que, como o personagem de Robert Walser, nunca aprendi a andar de bicicleta. Minhas habilidades práticas, quase todas, beiram o ridículo. Meu DNA é desengonçado, atrapalhado e distraído. Alguns apostavam

que eu não vingaria, não teria sobrevivido. Mas teimo em contrariar a maioria. Vila-Matas conta-me que ainda na infância tentara ser goleiro. Desistira após considerar impossível calcular a velocidade da bola e a projeção de seu corpo ao encontro dela. Ela, a bola, era sempre mais rápida que seus olhos aparvalhados. Conversamos sobre um dos gols mais impressionantes de Pelé - aquele que nunca aconteceu, no jogo contra o Uruguai na Copa de 70. O passe em profundidade encontrou Pelé a simular um esbarrão com o goleiro e a bola. Seria patético, se não fosse genial. Pelé passa por um lado, a bola, por outro. O goleiro não intercepta nem bola, nem Pelé, que escapa do outro lado: um gênio a fazer trivialidades. O chute sai enviesado, a bola raspa a trave e a cena é immortalizada. Enquanto Pelé não marca o gol, um menino passa à nossa frente a equilibrar-se na bicicleta. Invejo a perícia de quem pedala rumo ao abismo.

...

Meu irmão bem que tentou. Segurava-me com cuidado e gritava: "Pedala, pedala". Eu pedalava com todo o vigor possível para um corpo magricelo. A força tinha de ser redobrada devido a um detalhe: a bicicleta encontrada num galpão não tinha pneus. Tentava me equilibrar sobre uma armação de ferro. Os aros em atrito com o chão pedregoso emitiam um ruído que me alertava para o desastre da empreitada. Não tinha como dar certo. Era um pernilongo a pilotar um helicóptero. Faltavam-me força, agilidade e disciplina. Era preciso equilibrar-se, mover os pés em sincronia, olhar para frente e não pensar em nada mais. Algo impossível para mim, um menino recém-saído da experiência com os pecados de um

triângulo. Ao pedalar, olhava para baixo, via o horizonte e avisava a silhueta a zanzar em linha reta feito um pequeno capeta zombeteiro. Inseguro e amedrontado, descia a ladeira de poucos metros. Ao virar no pé de limão, o pouco equilíbrio virava queda. Estatelava-me.

"Assim", dizia-me um irmão já enfurecido sobre a bicicleta sem pneus. O corpo ereto, impulsionava os pés com precisão - o Rocinante esquelético não pateava, obedecia-lhe com devoção. Cavalgava por La Mancha. Eu, um Sancho estatelado, apenas admirava-o. De certa maneira, orgulhava-me ao vê-lo dominar aquela máquina. Estávamos nos adaptando àquele mundo. Tudo ali remetia a um passado muito recente na pequena cidade que deixáramos para trás. A piazzada em volta a traquinar. Os gritos, a correria. Já éramos, sem dúvida, animais urbanos. A cada dia, os resquícios do fim do mundo viravam apenas recordação. Corriamos atrás do ônibus que, lento, vencia a subida pela estreita avenida. Mascávamos chicletes sem ao menos desconfiar de sua eternidade. Jogávamos bolinha de gude de olho no videogame. Íamos ao centro comprar calças compridas com mãe. Sempre dava um jeito de esticar os olhos para as entranhas da rua das putas. Mas modelar-se a um mundo que nos esmagava em silêncio não apagava a linha no horizonte, na qual o pequeno traidor se equilibrava sobre uma bicicleta.

...

Vila-Matas interrompe a leitura do jornal e pergunta com a voz pausada, quase um sussurro: "Já notou que as folhas das árvores sempre caem?". "Sim, todos caem. Sempre caem", respondo a desaparecer no passado.

